

EXTENSÃO ACADÊMICA, CULTURA AFRO-BRASILEIRA E ENSINO DE HISTÓRIA: INTERAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS DE UMA EXPERIÊNCIA SERTANEJA¹

ACADEMIC EXTENSION, AFRO-BRAZILIAN CULTURE AND HISTORY TEACHING: ETHICAL AND AESTHETIC INTERACTIONS OF A COUNTRY EXPERIENCE

Gustavo Manoel da Silva Gomes²

Resumo: *Este texto discute o desenvolvimento do Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé, com sede no Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Inicialmente formatado como um projeto de extensão universitária, atualmente conta com um grupo artístico e configura-se Equipamento Cultural dessa universidade, ao articular Ensino, Pesquisa e Extensão em torno de questões étnicas no sertão alagoano. Descrevemos e analisamos 44 narrativas produzidas por integrantes do grupo entre 2015 e 2018, tomando a noção de discurso como uma prática política pela significação das subjetividades, práticas e experiências sociais que situam os sujeitos (FOUCAULT, 2012, 2014). Além disso, discutimos a presença negra no sertão alagoano como um ato político que recria um espaço para visibilizar sua presença historicamente negada. Consideramos que as subjetividades se caracterizam por aberturas e movimentos de significação (FOUCAULT, 1979, 1984, 1985, 2011) e que os processos formativos promovidos no Abí Axé Egbé têm subjetivado e deslocado discursos e práticas dos sertanejos, reorientando-os politicamente a partir de critérios étnicos. Conforme as narrativas analisadas, compreendemos que o grupo tem promovido experiências estéticas (OLIVEIRA, 2011) que contribuem para a subjetivação de valores éticos antirracistas, tomando a extensão universitária como cultura, prática e compromisso político-científico da universidade em prol de democratizar a produção do conhecimento junto à sociedade, transformando-a segundo princípios emancipatórios (PAULA, 2013).*

Palavras-chave: Educação. Discurso. Negritude. Transformação Social. UFAL.

Abstract: *This text discusses the development of Abí Axé Egbé Black Culture Group, at Campus do Sertão at the Federal University of Alagoas (UFAL). Initially formatted as a university extension project, it currently has an artistic group and is awarded as a Cultural Equipment of this university, articulating Teaching, Research and Extension concerning ethnic issues in the "sertão" of Alagoas-Brazil. We describe and analyze 44 narratives written by members of the group between 2015 and 2018, taking the notion of discourse as a political practice because of the significance of the subjectivities, practices and social experiences that place the social subjects (Foucault, 2012, 2014). In addition, we discuss the African-Brazilian presence in "sertão" of Alagoas as a political act that recreates a space to visualize its historically denied presence. We believe that subjectivities are characterized by openings and movements of meaning (FOUCAULT, 1979, 1984, 1985, 2011) and that the formative processes promoted by Abí Axé Egbé have subjectified and displaced discourses and practices of the*

1 A experiência aqui analisada é financiada pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) através da concessão de bolsas de estudo a alunos dos cursos de graduação por meio de publicação de edital e processo seletivo.

2 Mestre em História Social da Cultura Regional. Doutorando em Educação (UFAL). Professor da UFAL, Campus Sertão.

“sertanejos”, reorienting them politically from ethnic criteria. According to the narratives analyzed, we understand that the group has promoted aesthetic experiences (OLIVEIRA, 2011) that contribute to the subjectivation of antiracist ethical values, considering the university extension as a culture, practice and political-scientific commitment from the university in favor of democratizing the production of knowledge and transformation according to emancipatory principles (PAULA, 2013).

Keywords: Education. Speech. Blackness. Social transformation. UFAL.

Naquela tarde quente de sexta-feira, ele caminhava apressado; ansioso; atento... seguia sob o Sol a pino do sertão, cujo brilho cabia-lhe inteiro nos olhos, no peito e no sorriso. Tinha fé. Tinha orgulho. Tinha muitas esperanças. Passara a ser daquele lugar também, embora ainda fosse um “forasteiro”. Negro, longos cabelos rastafári, roupas e adereços de um estilo diferente: “africano”. Era diferente. Em dois mundos que se encontravam, tudo era diferente. Seu corpo “invertido” exercia alguma forma de atração aos olhares e mentes da população local à medida que por ela passava. Ele nem sentia. Seus olhos astutos ambicionavam guardar ao máximo as expressões e sentidos daquela pequenina cidade... caminhava e, admirava e, sorria... corriam-lhe muitas ideias que lhes pareciam fantásticas pela cabeça. Passeava sem destino certo naquela cidadela, porque sabia que já havia chegado ao seu destino certo. Um e outro o olhavam, estranhavam-no, comentavam-no. Só não dava tempo censurá-lo. “Cadê?”; “Já vai ali, oh...”. Aponta alguém.

Naquela tarde de sexta-feira, havia um calor que embebedava as almas daqueles que passavam pelas calçadas. No poste, um alto falante emitia a voz rouca de um locutor que a tudo anunciava. A tudo comentava. A tudo narrava. O Sinal da centenária Fábrica de Tecidos modificava a paisagem. Trabalhadores quem iam. Trabalhadores que vinham... No caminho: a igreja, a sorveteria, o banco, a praça, a escola... Muitas e muitas lojas. Vários carros, muitas buzinas. Poeira, fumaça e calor. Às vezes, um ventinho bom e alguma sombra providencial. Ali, um suor menos refrescante do que exibido, e o canto dos pássaros. Há muito tempo não ele ouvia o canto dos pássaros. Várias cores, movimentos, aromas e sabores. Ruas limpas e asfaltadas. Casas opulentas e a “vilinha” de trabalhadores; casas simples e “palácios”. Mesclas. Jardins floridos e borboletas.

Os jovens saíam e entravam na escola com seus smartphones. Cantavam músicas em inglês. Comentavam animes japoneses arranhando aquela língua. Ostentavam seus piercings e tatuagens enquanto acariciavam seus skates. Corriam, jogavam, dançam. Flertavam e planejavam comprar roupas de marcas para ir ao grande show do final de semana. Seria mesmo, aquela, uma paisagem do interior?

Ele seguia e, com ele, os olhares. Um casal de velhinhos humildes espera, abrigado sob uma sombrinha já escaldada, a D-20 que os levará de volta ao povoado. Um carro de som anuncia e convida a sociedade para o velório de uma senhora que dava aulas de catecismo. A feira colorida e barulhenta esbanjava de tudo; das barracas às calçadas. Mais afastadas do centro, algumas cercas de madeira, choupanas e lençóis estendidos, balançando ao vento. Uma negra velha compenetrada, de vestidinho florido, fios de cabelos alvos ao vento e um raminho poderoso de peão roxo na mão benzia e curava a criancinha de um quebranto, enquanto outras crianças corriam no meio da rua, brincando... Uma calma que, há muito, ele não sabia o que era.

Aquela paisagem, começava-lhe a parecer de uma cidade do interior. E era; também! Mas como ela já havia visto. O sertão não era só aquilo.

Às seis horas, muitas mãos desenhavam sinais de cruz. Dos altos postes, ouve-se roucamente a Ave Maria em Latim... O sol já se despedia enfiado numa teia celestial cuidadosamente pintada por Yewá: laranja, lilás, rosa, amarelo, azul e negro... foi então que uma brisa suave beijou-lhe a face preta em boas-vindas... As luzes da cidade começavam a tentar artificializar a vida com seus sedutores encantos modernos, mas não inibiram a lua cheia do sertão: titânica, arrogante, imperiosa, linda...

Uma coisa o incomodava: “de tantas pretas e pretos que povoam este lugar, onde estão os seus espaços culturais? Como são suas práticas? Como eles expressam sua etnicidade? Como posso partilhar minha negritude com essas pessoas?” Caminhavam negras e negros como se pretos não fossem. Invisíveis? Não... Tambores silenciosos, Xangôs rezados baixo, debates esfumaçados. Mas o repentino medo da solidão o as-

sombrou e o atiçou. A cada novo sorriso, uma nova estratégia...

Curioso e já cansado, foi a um restaurante para conhecer os sabores dali e, já frustrado, planejou ver, no dia seguinte, o poderoso Rio São Francisco e seus falados cânions. Onde estão que ainda não os senti? Não sabia ele que, sob os signos do abebé, do ofá e do livro, o Velho Chico já lhe brotava do coração, corria em seu sorriso negro, meio de homem; meio de menino, e desaguava em seus pés, ficando-lhe naquele lugar.

Esta narrativa, com que inicio este texto reconstrói de forma sensível algumas tramas memorialísticas da chegada de um personagem real que é, ao mesmo tempo, pesquisador, professor e artista, a uma cidade do sertão alagoano que, mais uma vez se (re)configurava, mas agora, muito devido à chegada do campus da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O personagem dessa breve narrativa é este ator. A cidade: o município de Delmiro Gouveia.

A história narrada não é simples divagação estética. Ela serve para contextualizar um ambiente cultural e histórico que seguia seus próprios ritmos conforme seus sentidos, práticas e micropoderes em exercício. Ela fala de uma encruzilhada. De um ponto ambíguo de encontros entre uma cidade que cresce e que permanece pequena e entre a curiosidade e o conservadorismo. Ela fala de imagens, sons, gestos e palavras entre as quais se firmaram diálogos tensos, mas nem por isso menos saborosos, sobre relações étnicas e a cultura afro-brasileira no sertão alagoano a partir da extensão universitária.

Dito isto, este texto não pretende determinar soluções às formas de como desenvolver e efetivar, no ensino superior, temas tão caros ao conhecimento e que se adequam à cada localidade de forma específica. O que ele pretende é partilhar uma experiência extensionista ponderando elementos como expectativas, desafios, dificuldades e possibilidades de ação que efetivaram novos processos de subjetivação. Assim, ele reconstrói uma polifonia de diferentes memórias, referenciais teóricos e sujeitos que compõem os saberes e sabores dessa experiência.

O Contexto Histórico: Dados e Discursividades que se Cruzam

Em março de 2010 iniciaram-se as atividades do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) no município de Delmiro Gouveia. A implantação do campus fez parte das estratégias de adoção da UFAL ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Tal fato possibilitou que vários cidadãos sertanejos tivessem acesso ao sistema federal de ensino superior sem precisar deslocar-se para a capital³. A relevância dessa expansão para a região do sertão é um dado importante cujos impactos são sentidos nas esferas política, econômica, social, cultural e ambiental.

O município de Delmiro Gouveia possui uma estimativa de 51.997 habitantes⁴ vivendo em uma área de 608,491 km². O índice de desenvolvimento humano (IDH) é baixo (0,531)⁵. É uma cidade com um comércio ainda tímido, problemas estruturais na educação, saúde, saneamento, segurança, promoção cultural e empregabilidade. Possui clima semiárido, relativos problemas com a seca e, por vezes, com o abastecimento de água. Palco de festas, celebrações, saberes e rituais populares tradicionais, possui uma população majoritariamente cristã, de maioria católica, seguida por evangélicos. Conforme dados do IBGE 2010 a maioria da população é negra (somando-se pardos e pretos), mas no cotidiano da cidade, grande parte dessa mesma categoria social se declara morena, parda ou, preferencialmente, branca. Há ainda valores fortemente arraigados que se traduzem, inclusive, em violência física: sexismo e homofobia.

3 Em 2018.1 foi registrado o número de 3.158 alunos com vínculo institucional no campus do sertão. Fonte: *Tabela de dados de status do aluno, por curso campus do sertão – 2018.1*. Dados coletados no sistema Sieweb Módulo Acadêmico da UFAL em 30/07/2018; cedidos pela Coordenação de Registro e Controle Acadêmico (CRCA) do Campus Sertão. Agradeço ao servidor técnico Rogério Brillante pelos dados fornecidos. É salutar lembrar ainda que o município de Delmiro Gouveia faz fronteira com os estados de Pernambuco, Bahia e Sergipe. Nesse sentido, não só os alunos do sertão alagoano, mas também de “outros sertões”; além de alunos oriundos de outras regiões do Brasil compõem o público estudantil da UFAL-Sertão. Esses alunos são direcionados para através do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) conforme as notas que obtêm no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Deste modo, as ações desta universidade têm alcançado espaços mais amplos do que o próprio território do alagoano.

4 Dados disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <http://cidades.ibge.gov.br>.

5 Idem.

Mas Delmiro Gouveia é como qualquer outro, um município complexo, em vias de transformações que tem ampliado seus horizontes através de aspectos como: turismo ecológico para os cânions do São Francisco; popularização das tecnologias de comunicação e informação; urbanização crescente; ampliação e diversificação do setor de comércio e prestação de serviços, atuação de movimentos sociais; visibilidade de múltiplas formas de identidades sociais, mas, sobretudo; pela presença da UFAL. Apesar de relativas dificuldades de operacionalização da universidade no sertão, não se pode negar que passos importantes foram dados no que concerne a estimular múltiplas formas de desenvolvimento no município: tal presença institucional tem mexido paulatinamente na economia, na educação, na politização, no imaginário local, etc.

Ainda assim, vivenciando o cotidiano da cidade, pôde-se perceber em observações espontâneas e relatos de populares, bem como em experiências pessoais deste pesquisador, o peso dos valores e códigos culturais locais materializados em olhares e comentários de estranhamento e repressão em relação, por exemplo, à identidade negra e às práticas culturais afro-brasileiras. Foi somente a partir do cotidiano discursivo que se percebeu como parte da população local mobilizava conceitos de identidades étnicas e culturais que orientavam e instituíam-lhes práticas e ações cotidianas bastante violentas.

Esse contexto nos legitima a noção de que o discurso é uma prática política que se dá a partir de um conjunto de regularidades culturais e cuja materialização permite ver de que modo os preceitos morais e as vontades de verdade produzem não só objetos de saber, mas também relações de poder e subjetividades (FOUCAULT, 1979, 1984, 1985, 2012; 2014). No contexto aqui analisado, problematizamos não só as disputas de sentidos em torno de palavras como “negro”, “negra”, “cultura afro-brasileira”, “candomblé”, etc. mas também as formas como esses sentidos são subjetivados e as práticas mobilizadas em relação e eles. Percebemos que as bases da cultura sertaneja, em termos étnicos, apresentavam, predominantemente, regularidades discursivas pautadas em princípios racistas.

É sabido que por experiências históricas, durante muito tempo, à negritude foi atribuída valor semântico de inferioridade (CAVALLEIRO, 2012; FAZZI, 2012; MUNANGA, 2008, GOMES, 2013) sentido que ainda permeia fortemente as relações cotidianas dos sertanejos delmirenses: as formas de falar, de olhar, de permitir a presença, de conceder bens e privilégios dependem de muitos critérios de aceitação, sobretudo da identificação por “cor” de pele, tipo de cabelo e penteado, religião etc. No sertão, o uso de termos como “moreninho” parece suavizar discursos e práticas, mas em realidade viola e aniquila a aceitação de quaisquer pessoas que assumam uma identidade étnica escura/preta/negra (MUNANGA, 2008). Neste contexto, encontramos pessoas se definindo buscando distanciar-se da ideia de negritude em vários espaços e situações sociais: conversando nas ruas, praças e casas; comprando na feira e nos supermercados; discutindo nas escolas e na universidade etc. As representações que flutuavam naquele imaginário social apontavam a necessidade de promover momentos de reflexão sobre as práticas discursivas e suas relações étnico-raciais na história do Brasil, no estado de Alagoas e mais precisamente no sertão.

Do mesmo modo que em relação à identidade social negra, a cultura afro-brasileira também era, sobremaneira, estigmatizada e negada. Embora tenhamos identificado a existência de seis terreiros de candomblé em Delmiro Gouveia, esses espaços religiosos eram bastante invisibilizados, quando muito, estereotipados negativamente. O cristianismo ainda tem sido a via predominante de afirmação religiosa nos espaços, inclusive, nos públicos e “laicos”.

O contexto nos provocou a problematizar o papel social da universidade naquele ambiente. Debruçamo-nos, então, sobre as práticas discursivas defendidas no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFAL (2008-2012). Documento que antecedeu a implantação do campus sertão.

Este documento normativo reconhecia que a sociedade contemporânea tem sido marcada por um considerável desencontro entre o desenvolvimento das tecnologias e o acirramento das desigualdades entre homens e mulheres, povos, culturas e etnias. Este quadro, reconhece o documento, diz respeito também ao Nordeste brasileiro e, especificamente tratando-se do sertão alagoano, afirma serem reconhecíveis as insuficiências na qualidade da educação e do acesso aos bens culturais e tecnológicos que podem melhorar a qualidade de vida da população local. Conforme o texto, tal situação poderia ser revertida

com a presença da universidade através de ações pedagógicas orientadas sóciopoliticamente.

Partindo desse mote, o PDI afirma que a proposta da universidade enquanto instituição pública de ensino superior é intervir na realidade a fim de criar ambientes e mecanismos de mudança social. Entendendo a Educação como um bem público o documento institui os propósitos da política pedagógica da UFAL para os anos seguintes: a expansão, a inovação e a inclusão social priorizando ações que visassem a superação das atuais condições de desigualdade e exclusão existentes nas localidades onde se implementam os seus *campi*. Neste sentido, a instituição assumia publicamente que “A Universidade Federal de Alagoas tem por missão produzir, multiplicar e recriar o saber coletivo em todas as áreas do conhecimento de forma comprometida com a ética, justiça social, desenvolvimento humano e bem comum”. (UFAL, 2008. p.19).

É deste posicionamento que surge o conceito de extensão universitária da UFAL, pensando-a como uma atividade formativa que reconfigura modelos tradicionais de produção do conhecimento transcendendo a sala de aula e o laboratório de pesquisa (UFAL, 2008)⁶.

A partir dessa discursividade, consideramos que, enquanto universidade pública, precisávamos desenvolver alguma ação para construir novas concepções de relações étnico-raciais junto à sociedade local. Enquanto historiador e pesquisador do ensino de história e da cultura afro-brasileira, percebi que poderia fomentar experiências em prol de uma historicidade dos conceitos e de desenvolvimento novas práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 2001) em torno de conceitos como: *negro (a)*, *cultura afro-brasileira*, *intolerância religiosa*, *religiões de matriz africana*, *movimento negro*, *arte engajada*, *saber e conhecimento*, *racismo*, etc.

Acreditamos que ao desenvolver essa perspectiva de trabalho busca-se construir uma certa melhoria na qualidade de vida da população local. Afinal, uma vez que não podemos negar o fato de que o “viver bem” depende de condições materiais de existência; também não podemos negar que o “bem viver” depende de condições simbólicas de liberdade e aceitação; fora dos regimes de opressão que interdita as práticas discursivas que possam expressar a nossa diversidade. É um exercício antropológico, histórico e político. Trata-se de uma noção de sociedade que nos exercite para a ética, enquanto cuidado de si, e para a estética enquanto capacidade de sentir e significar a si mesmo, ao mundo e à vida enquanto obra de arte: sempre aberta ao nosso repensar, ao amadurecimento de nossas concepções, conteúdos, formas e lutas (FOUCAULT, 1984; 1985).

Consideramos que um caminho viável e mais rápido de chegar à população local a fim de trocar saberes com ela e poder construir vias de transformação nas práticas discursivas com base em critérios étnico-raciais é a extensão acadêmica. Na contemporaneidade em que, em detrimento dos avanços tecnológicos, as desigualdades sociais e formas de opressão culturais e políticas acirram-se, a extensão universitária deve ser pensada como uma transformação epistemológica da própria instituição e experiência universitária. A extensão acadêmica é, portanto, uma cultura, uma prática e um compromisso não só científico, mas também político, da universidade em democratizar a produção do conhecimento em coparticipação com a sociedade com fins de poder transformá-la segundo princípios emancipatórios (PAULA, 2013).

Ela deve estar articulada ao ensino e à pesquisa visando complementar a formação crítica e responsável dos alunos egressos de cada curso, fazendo com que os saberes e a competência acadêmica articulem-se às necessidades e aos saberes populares. Essa perspectiva não é estranha à UFAL. Em seu PDI (2013-2017), a instituição se comprometeu a efetivar suas formas de interação com a sociedade de forma democrática. Para isso, assumia, deveria promover ações que produzissem e intensificassem interfaces entre os diferentes saberes e uma nova cultura política baseada nas trocas e coparticipação da universidade com a sociedade. Do mesmo modo, o documento reformulado enfatizava o compromisso da universidade em valorizar a cultura local/regional (UFAL, 2013). Nesta versão do documento eram bases estruturantes da extensão acadêmica: “a) formação acadêmica; b) produção do conhecimento; c) interação com a sociedade e d) produção, preservação e difusão cultural” (UFAL, 2013. p. 48). Princípios que

⁶ Enfatizamos o PDI do ano de 2008 porque ele precedeu à existência do campus sertão e normatizou as ações iniciadas neste campus, mas ponderamos que o PDI seguinte (2013-2017) atualizou e reafirmou tais princípios. Já o PDI (2018-2022) foi aprovado pelo conselho universitário (CONSUNI) e está em processo de publicação.

devem ser efetivados por quaisquer atividades extensionistas na universidade.

Foi com esses enunciados que a UFAL assumiu o compromisso com a função transformadora da sociedade: conectando saberes, posicionando-se de forma mais democrática, inclusiva e participativa. Assim a extensão universitária se torna uma potencial promotora de experiências mais significativas ao estimular a produção de conceitos, métodos e informações a serem trabalhadas de maneira interdisciplinar, criativa, coparticipativa e responsável.

O caráter político da extensão é evidenciado nas próprias versões do PDI quando orienta que as atividades extensionistas possam participar dos movimentos sociais priorizando ações que visem à superação das atuais condições de desigualdade e exclusão existentes no Brasil. Contudo, ressalva o documento, as ações de extensão embora sejam amplas não devem ser confundidas politicamente com assistencialismo, pois a função não é substituir a responsabilidade e ações governamentais locais.

Em seus princípios fundamentais a UFAL comprometeu-se a efetivar uma articulação criativa, comprometida e produtiva entre ensino, pesquisa e extensão como condição de possibilidade para efetivação de uma ampla noção de desenvolvimento e transformação institucional e local. No entanto, apesar do fomento da Pró-Reitoria de Extensão, muitos servidores não davam à extensão acadêmica o mesmo valor que às atividades de pesquisa e ensino. Paula (2013) alega que esse quadro de minimização da extensão essa é uma característica constante na historicidade própria das universidades brasileiras pautadas em tradições que durante muito tempo têm priorizado mais o ensino e a pesquisa em modelos convencionais. Contudo, desde 2016 a extensão universitária na instituição federal alagoana começou a ser reoxigenada em suas bases teórico-metodológicas construindo novo esteio de ações.

Outro interesse que tínhamos era perceber como a universidade pensava a cultura. Percebemos que essa noção é bastante ampla e relevante, chegando a reestruturar epistemologicamente a própria noção de universidade. A cultura é pensada como meio de valorização da identidade local e de construção de novos paradigmas comportamentais, organizacionais e pedagógicos. Afirma-se ainda que a vida acadêmica deve ser permeada por uma práticas voltadas para o desenvolvimento, produção, preservação e difusão cultural e artística. A cultura é um elemento transversal de fomento ao respeito à diversidade cultural (UFAL, 2013. p. 49). Essa noção complementa-se ao pontuar a necessidade de se realizarem intercâmbios culturais extra-classe e extra-laboratorial; fomentar que a universidade deve desenvolver extensão articulando processo educativo, cultural e científico; responsabilidade ambiental, consciência social e compromisso político; e que um dos compromissos da universidade é desenvolver, produzir e preservar a cultura e a arte como afirmação de identidades.

Obviamente, produzir cultura é algo bem mais amplo que produzir arte, mas esse é um campo que não pode fugir do espaço universitário. Observamos este ponto porque foi justamente na articulação entre pesquisa científica, formação acadêmica e produção artística que projetamos a experiência formativa de que falamos.

Metodologia: A Realização da Experiência Extensionista

A esperança que se vinha traçando inicialmente era então poder agir através da universidade atuando na formação de professores de História. Embora, na teoria, o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de História, Licenciatura, do Campus Sertão (2013) se propusesse a dialogar com a cultura local, a grade curricular não abria tantas perspectivas assim, sobretudo quanto às relações étnicas no Brasil. Embora oferecesse a disciplina “História da África”, o currículo da licenciatura em história não contemplava a disciplina “História e Cultura Afro-Brasileira”, fato que dificultava bastante a formação de professores para atuar em um meio sociocultural com grande presença de pessoas negras e, ao mesmo tempo, mar-

cadamente racista, intolerante e classista⁷.

Assim, em novembro de 2013 foi criado o projeto de extensão acadêmica intitulado: “*ABÍ AXÉ EGBÉ: músicas e danças afro-brasileiras construindo a cidadania no sertão alagoano*”⁸ como uma oportunidade a mais de construir saberes acerca da história e cultura afro-brasileira no Campus Sertão, mas através de práticas curriculares não tradicionais: nas tardes de sábado, no campus, ministram-se oficinas de canto, dança, percussão e estética, discussão de textos científicos, midiáticos, artísticos de autores negros ou que problematizem as experiências negras no Brasil, ao longo do ano produzem-se figurinos, adereços e artesanato, realizam-se excursões pedagógicas a lugares de memórias e identidades negras no Nordeste do Brasil e promovem-se intercâmbios e interações éticas e estéticas com pessoas e grupos de referência na cena negra nordestina. Também produzem-se pesquisas e textos acadêmicos como: relatórios, artigos científicos, comunicações orais, Trabalhos de Conclusão de Curso, dissertações de mestrado e uma tese de doutorado em andamento. Além disso, realizam-se diversas apresentações artísticas⁹.

O grupo também promove um evento voltado à formação de professores do sertão para as relações étnico-raciais (Ciclo de Formação Docente do Abí Axé Egbé), além de realizar oficinas itinerantes de dança, capoeira, percussão, estética negra, contação de história, artesanato, história e cultura afro-brasileira para escolas e instituições públicas e privadas.

Pelo conjunto de ações que desenvolve, o Abí Axé Egbé se coloca como um espaço de estudos e pesquisas científicas, sensibilização política e produção artística, fomentando através das práticas artísticas, o respeito à diversidade cultural, à valorização étnica da população negra e o fomento à crítica social.

Apesar da maior visibilidade gerada em torno do grupo artístico, é preciso enxergar o processo político-pedagógico realizado nas oficinas em cada tarde de sábado no campus do Sertão. Desmistificar estereótipos, repensar práticas, construir novos conceitos, investigar temas, confrontar perspectivas, produzir argumentos contra o racismo e a intolerância religiosa, exercitar um olhar “afrocêntrico” não são tarefas fáceis, porém, esse tem sido o objetivo perseguido e exercitado entre as tramas cotidianas de realização da ação extensionista em meio a valores sociais bastantes conservadores. Mas é justamente esse processo de provocação, pesquisa, debate, produção e exposição que dá fundamentos às apresentações artísticas. É importante lembrar que um dos maiores objetivos do grupo continua ser formar professores hábeis a lidar com as relações étnicas e com a história e cultura afro-brasileira no cotidiano escolar. Contudo, a composição social do grupo fez o processo formativo estender-se a um universo mais diversificado, fato que já era de se esperar num projeto de extensão acadêmica¹⁰.

Obviamente, todo esse processo não se deu de maneira harmônica com a sociedade e com a própria instituição. Durante o primeiro ano do grupo, houve várias denúncias por parte de alguns alunos de diferentes cursos de graduação a respeito de um “suposto professor” do curso de História estava “corrompendo” alunos, levando-os a fazer “macumba” no campus todas as tardes de sábado sob ameaça

7 A importância da crítica ao currículo torna-se importante pelo fato de que ele é um artefato de poder que seleciona, organiza, legitima e distribui o conhecimento de modo a produzir processos direcionados de subjetivação (FOUCAULT, 2011; GOMES, 2012; SILVA, 2013). Ele modela as subjetividades de acordo com as diferentes orientações políticas que lhes servem de fundamentos. A luta histórica do movimento negro, de intelectuais, artistas e religiosos engajados foi em construir um currículo “antirracista”, ou seja, um currículo que tomasse a experiência afro-brasileira como objeto de estudo e formação problematizadora das relações étnicas brasileiras. Mas, à contragosto de muitos professores e estudantes, não era isso que se via nos currículos do campus sertão, onde mal havia espaços para tomar as relações étnicas como objeto de inquietação intelectual. Apenas em 2017 a UFAL criou possibilidades, também fomentada pelo MEC, para que os diferentes campi pudessem repensar suas formações curriculares, processo que culminou em 2018 com a aprovação de novos desenhos curriculares mais adequados às necessidades locais. Como decorrência desse momento, por exemplo, a nova grade curricular de história possui uma disciplina designada “História e Cultura Afro-Brasileira” e a de pedagogia apresenta a disciplina “educação para as relações étnico-raciais”, ambas, obrigatórias em seus respectivos cursos.

8 Vinculado não somente ao curso de História, Licenciatura, mas também ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano (NUDES) e à Pró-Reitoria de Extensão - PROEX - UFAL.

9 O Abí Axé Egbé traz em seu currículo de apresentações artísticas, três espetáculos: Abí Axé Egbé (2014); Mundo Negro (2016) e (Re)existências (2018); ambos apresentados em eventos culturais em estados como Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Tocantins.

10 Embora já tenha formado mais de 100 integrantes, atualmente o equipamento cultural possui 45 componentes entre estudantes das licenciaturas em História, Pedagogia, Geografia e Letras e das Engenharias de Produção e Civil; além de professores, gestora e estudantes da educação básica; capoeiristas, adeptos de diversas religiões, quilombolas e indígenas, etc.

de reprova-los caso se negassem a participar. Desde então, foram várias as narrativas criadas contra o projeto e difundidas dentro da biblioteca, nas salas de aula, corredores e pátios, na lanchonete, no ponto de vans, etc. Mesmo em um programa de rádio de caráter confessional houve campanhas difamatórias ao Abí Axé Egbé. Essas atitudes geraram, inicialmente, dois comportamentos distintos, mas complementares: de um lado, alunos da graduação curiosos quanto ao projeto, com vontade de participar, mas com medo de realizar a dita “macumba” ou serem estigmatizados como macumbeiros e, de outro lado, alunos que já participavam do projeto discutindo verbalmente com aqueles que o maldiziam. Isso demonstra o caráter político do discurso enquanto prática de significação e interdição na existência de sujeitos no tecido social.

Apesar dos desafios as ações do Abí Axé Egbé vêm sendo sistemáticas há cinco anos. A princípio, enquanto projeto de extensão, foi renovado institucionalmente por quatro anos seguidos até ser elevado à categoria institucional de Equipamento Cultural da UFAL¹¹. O grupo tem sido tema de reportagens em diversos jornais alagoanos e também de jornais tocantinenses.¹²

Para refletir sobre como esse processo tem subjetivado os participantes, apoiamo-nos na análise do discurso de base foucaultiana e buscamos reconstruir os sentidos elaborados pelos sujeitos participantes dessa experiência a partir do diálogo horizontalizado, registrado de maneiras diversas. Contudo, dadas as limitações estruturais deste texto especificamente, foi selecionado um único tipo de fonte: as narrativas escritas desses participantes, sendo 23 narrativas escritas em 2015 e 21 narrativas produzidas no ano de 2018, totalizando 44 textos dos quais, trago algumas sínteses gerais dos temas que mais aparecem nesses discursos.

Consideramos que a produção de narrativas é algo importante porque materializa as memórias do sujeito, dotando-o de sentidos culturais: através de sua narrativa, o indivíduo se repensa, se problematiza, se contextualiza, se justifica, se reinventa. A cada ato de narrar-se, os sujeitos se constroem e reconstruem. Ela é um processo de produção de sentidos que não tem um fim específico, mas movimentos de rememoração, reflexão, tensão e significação. Nesta experiência, o ato de narrar-se é encarado como um movimento de subjetivação (MORAES, 2015). Destarte solicitamos que os participantes revisitassem e releessem as suas experiências pessoais enquanto integrantes da ação extensionista Abí Axé Egbé a fim de localizar as formas, os conteúdos e os jogos de poder que constituem historicamente seus saberes e práticas de ensino em torno da cultura afro-brasileira.

Resultados deslocados: Os Processos de Subjetivação em Movimento

O grau de “pessoalidade” de cada relato representa diferentes motivações, formas e apropriações dos conhecimentos produzidos ao longo do desenvolvimento do projeto. Em termos genéricos temos dois grupos: a) os alunos não negros, mas que, sensibilizados pelas discussões do grupo reconhecem o caráter político dessa experiência e assumem um compromisso público em também lutar contra o racismo e intolerância religiosa e; b) os alunos que embasados, também nas discussões do grupo, são subjetivados e constroem, fortalecem e assumem as suas identidades negras e também o compromisso de lutar por respeito e dignidade. Para além das narrativas, temos percebido uma mudança de discurso e de práticas desses jovens se espalhando pelo cotidiano cultural da cidade: eles discutem relações étnicas em seus ambientes familiares, religiosos, de trabalho, de lazer, etc. Essa observação nos fez pensar em discurso a partir da concepção de que os sujeitos tanto são constituídos pelo seu discurso quanto o constituem,

11 Por meio da Portaria nº 28 de 15 de janeiro de 2018. O grupo tem se empenhado em preservar documentos que ilustrem as memórias de sua formação e desenvolvimento ininterrupto, fato que lhe deu legitimidade para se tornar um Equipamento Cultural. Entre essas fontes estão: reportagens em blogs e jornais virtuais e impressos, inclusive o jornal de maior circulação em Alagoas (Gazeta de Alagoas); documentos burocráticos do grupo, fotografias, documentário próprio, composições musicais, releases e roteiros de shows, etc. muitas dessas memórias não estão limitadas aos arquivos institucionais, mas circulam socialmente através das redes sociais criadas e administradas pelos próprios integrantes do grupo como página de *facebook*, *instagram*, canal no *You Tube* e grupo no *whatsapp*.

12 Especificamente pela sua participação na I Semana Nacional de Direitos Humanos da Unitins: desafios e possibilidades, realizada de 16 a 19 de outubro de 2018. O Abí Axé Egbé realizou duas apresentações artísticas, vários minicursos e oficinas, além de coordenar simpósios temáticos e ter um de seus integrantes ministrando palestra na noite de encerramento do evento.

havendo assim espaço para sua criação subjetiva e, conseqüentemente, para uma mudança discursiva, como aponta Fairclough (2001). Ou seja, mesmo sendo formados em culturas específicas, no caso do sertão, mesmo sendo constituídos por redes discursivas racistas e intolerantes, os sujeitos também possuem condições de confrontar, repensar e negociar sentidos, constituindo eles mesmos novas práticas discursivas.

As narrativas produzidas por eles versam sobre novas leituras acerca de temas como: *negritude, cultura afro-brasileira, candomblé, movimento negro, estética, corporeidade, subjetividade, ancestralidade, preconceito, racismo e intolerância religiosa, resistência cultural e políticas afirmativas*, etc. Importante afirmar como eles reconhecem a presença histórica da população negra e de suas práticas culturais no sertão. Muitas vezes reconhecem-se e inserem-se nela. Diante destes temas, muitos participantes afirmam que carregavam profundos preconceitos e atitudes discriminatórias antes de entrar no grupo e ter acesso às discussões. Obviamente que a permanência desses valores não se desfaz com tanta rapidez e sempre os surpreende repentinamente quando são confrontados com seus atos falhos e ações ambíguas quanto às relações raciais. Há que se entender que essas subjetividades são historicamente construídas pela ótica da “branquitude” enquanto modelo de compreensão e aplicabilidade da vida. Mas, a participação no grupo é um fator que, segundo narram, afronta e afeta seus processos de subjetivação por meio de exercícios sistemáticos que provocam, de um lado, apropriações e construções de novas práticas discursivas e, de outro, a crítica e abandono de outras. De fato, aos poucos, entre sons, cores, palavras e movimentos, produzem-se discursividades que estão conseguindo promover leves pulsos de transformação. Esses deslocamentos discursivos possibilitam uma mudança social, pois trata-se de uma mudança de sensibilidade política e intelectual que reorienta as pessoas em suas relações cotidianas a partir dos critérios raciais.

Sabemos que a experiência ocorre num contexto social, pois ela é “a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 1984:10). A experiência é a produção de um saber sobre um tema que se efetiva sendo interpelada por normas institucionais, discursos e formas de subjetivação. Assim, refletimos sobre as formas e conteúdos que os integrantes do Abí Axé Egbé elaboram a respeito de sua localidade, das relações étnicas e de si mesmos, decifrando-se, criticando-se e reinventando-se enquanto sujeitos políticos de identidades culturais múltiplas que refletem sobre seus saberes e práticas a respeito de questões étnicas nos espaços em que circulam. Assim nos aproximamos de uma noção mais subjetivista de experiência proposta pelo filósofo Jorge Larossa (2015), para quem a experiência diz respeito não apenas às coisas pelas quais passamos, mas, sobretudo, às coisas que nos passam, nos atravessam, nos afetam, tencionam, provocam e nos mexem interiormente, deslocando-nos e nos fazendo produzir um novo saber.

É assim que o Abí Axé Egbé vem atuando na formação desses jovens: problematizando temas, conceitos, valores e práticas; propondo novos referenciais sociais, culturais, políticos e históricos; experimentando novos conteúdos e formas na produção do conhecimento; buscando perceber e compreender o lugar e a ótica de identidades negras na sociedade brasileira; estimulando práticas curriculares “não-formais”; provocando uma educação pelos sentidos do corpo e pelos sentidos da fala, portanto, por uma educação estética: aquela que mexe com sentidos, sentimentos e saberes dos sujeitos envolvidos (OLIVEIRA, 2011).

Embora seja um campo de relevância intelectual e política legalmente reconhecida em nível nacional, a Cultura Afro-Brasileira ainda costuma ser pouco contemplada nos currículos universitários. Esta ação extensionista age diretamente na formação dos licenciandos, trazendo novas perspectivas teóricas e práticas para seus exercícios profissionais como mostram algumas narrativas escritas.

Quanto a formação de professores/pesquisadores, merecem destaque dois aspectos: 1) até 2017 os membros do Abí Axé Egbé interagiram em parceria com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) no campus do Sertão e, 2) as pesquisas realizadas têm criado registros científicos acerca da presença negra no sertão alagoano, fator que no senso comum da localidade é historicamente negado.

Avaliamos que por meio do Equipamento Cultural Grupo de Cultura Negra do Sertão Abí Axé Egbé, a Universidade Federal de Alagoas tem garantido sua interação com a sociedade civil no que tange às suas

demandas específicas relativas à promoção da ciência, da cultura e da cidadania. O Abí Axé Egbé aproximou-se das casas de matriz africana, dos grupos de capoeira, dos pesquisadores negros, das comunidades quilombolas, de professores da rede pública de ensino, etc. O Abí Axé Egbé, ou apenas Abí Axé como é chamado pela população local, já faz parte do carnaval delmirensense, dos eventos da UFAL, das atividades do mês da consciência negra em várias cidades sertanejas. Enquanto experiência de extensão universitária, tem-se conseguido dialogar com a comunidade local, trocando saberes, produzindo novos conhecimentos, novos processos de subjetivação e práticas discursivas. Há uma transformação social, cultural, política e mesmo microeconômica¹³ a partir das diferentes subjetividades, complexas e em constantes movimentos e reposicionamentos políticos na construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Tecendo uma nova experiência curricular em área de fronteira, numa encruzilhada de saberes e sentimentos, reconstruem-se sentidos e fortalecem-se os laços entre a universidade e a sociedade. Este trabalho certifica o compromisso social da UFAL com uma formação qualificada, multicultural e científica a partir da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, impactando positivamente a formação cultural de cidadãos alagoanos.

Enfim, este relato de experiência não fala de cenários estáticos, mas de paisagens em transformação, de sujeitos de razões sensíveis, de currículos em movimento, de extensão acadêmica como elo. Fala de um sertão vivo e dinâmico, onde a presença da UFAL tem feito experimentar, nos encontros a partir das tardes de sábado, cores, sons, movimentos, aromas e sabores de experiências formativas que dão novos sentidos à memórias, subjetividades, pertencimentos e compartilhamentos de esperanças. Reconhecendo, valorizando e divulgando a negritude sertaneja que compõe diferentes imagens, sons, movimentos e palavras de uma paisagem local em ebulição, pode-se dizer: o sertão já não é mais o mesmo do começo deste texto.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação, (SECAD). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2012.

FAZZI, Rita. **O drama racial das crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**/Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

¹³ Após se reconhecer como negra e expressar essa identidade em seu corpo, uma das integrantes tornou-se referência estética e, ao estar desempregada, passou a fazer penteados afro nas periferias de Delmiro Gouveia cobrando remuneração pelo seu trabalho.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOMES, Gustavo. **A cultura afro-brasileira como discursividade**: histórias e poderes de um conceito. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Departamento de História, Recife, 2013.

GOMES, Nilma. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In.: ABRAMOWICZ, Lúcia. BARBOSA, Maria de Assunção. SILVÉRIO, Valter. **Educação como prática da diferença**. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autentica, 2015.

MORAES, Maria Thereza. Experiências e movimentos de subjetivação no percurso de formação: identidades, sentimentos e histórias. **Revista Lugares da Educação [RLE]**, Bananeiras – PB, v. 5, nº 10, pp. 6-19, jan-jul., 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

_____. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autentica, 2012.

OLIVEIRA, Inês. Prefácio. In: PASSOS, Mailsa; PEREIRA, Rita. (orgs.) **Educação experiência estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

PAULA, João. A extensão universitária: história, conceitos e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

Recebido em 12 de dezembro de 2018.

Aceito em 15 de dezembro de 2018.